

# Cefaléia no Antigo Egito

## Headache in Ancient Egypt

Carolina Mazzo Martinez Baptista,<sup>1</sup> Meneghelli UG,<sup>2</sup>  
Carlos Alberto Bordini,<sup>3</sup> José Geraldo Speciali<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Pós-graduanda em Neurologia; Membro da  
Sociedade Brasileira de História da Medicina – SBHM

<sup>2</sup>Doutor em Neurologia

<sup>3</sup>Docente da Clínica Médica da FMRPUSP; Presidente da  
Sociedade Brasileira de História da Medicina – SBHM

<sup>4</sup>Professor associado de Neurologia da FMRPUSP

### A MEDICINA NO ANTIGO EGITO

No Antigo Egito, a medicina era considerada função nobre e de grande prestígio, transmitida para várias gerações de uma mesma família. Os manuscritos (papiros) eram herdados e freqüentemente encontrados em tumbas daqueles com linhagem médica.<sup>1,3</sup>

Especialidades e procedimentos eram conhecidos e realizados na prática médica: trepanações, técnicas obstétricas, domínio de substâncias farmacológicas, conhecimento de doenças neurológicas. A primeira linha de “especialidade” foi inaugurada por Resy-Ra (3.000 a.C.),<sup>1</sup> que nos dias atuais é representada pela oftalmologia.

A necessidade de uma “escola médica” já era reconhecida. Um exemplo é a atuação da Escola Médica Real de Heliópolis (1.500 a.C.), responsável pelo ensino médico para alunos de ambos os sexos. Os feitos médicos no Egito eram conhecidos por diversos povos na Antigüidade, servindo como referência para o aprendizado desta prática.

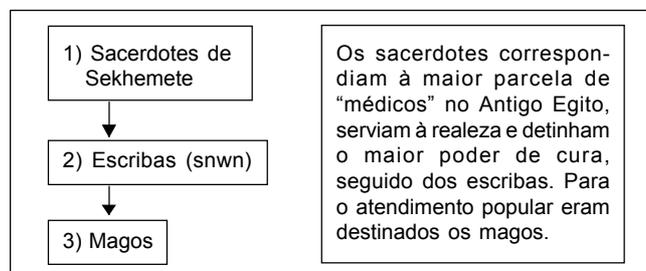
### MITOLOGIA, MAGIA E MEDICINA

O exercício da medicina no Egito estava associado aos rituais de magia. A eficácia terapêutica não dependia somente do conhecimento de técnicas médicas, mas era necessária concomitantemente à prática da magia, através de encantamentos e interceção dos deuses.

A figura médica era de grande valia, ocupando uma posição privilegiada na hierarquia social. Apenas os médicos, além dos faraós, possuíam a proteção direta dos deuses.

ses. Entre as principais figuras mitológicas relacionadas à saúde estão: Ísis, Sekhmet e Hórus.

O papiro de Ebers descreve a hierarquização da classe médica. A literatura apresenta também um complexo sistema de serviços, até com atuações semelhantes à da área paramédica (Figura 1).



**Fig. 1** – Hierarquização da classe médica no Egito Antigo – Papiro de Ebers (García-Albea E, 1999)

### CEFALÉIA (HEMICRÂNIA) E SUA REPRESENTAÇÃO NO ANTIGO EGITO

A cefaléia é um sintoma universal, ausente de distinção social, fato este comprovado desde o Antigo Egito. À semelhança da mitologia grega, também as divindades egípcias padeceram de cefaléia como atestam os parágrafos dos papiros de Ebers, Beatty V e relatos mitológicos relacionados à cura da cefaléia (Figura 2).

#### I. Papiro de Ebers – parágrafos 242-247, 250, 259

Muitos dos remédios utilizados e citados neste papiro eram à base de mel e ricino (óleo), planta comum na oca-

### Os Papiros

Os papiros foram de extrema importância no conhecimento do Antigo Egito e práticas médicas. Atualmente é raro encontrar o *Cyperus papyrus*, espécie que originou estes preciosos documentos históricos.<sup>6</sup> A linguagem escrita em hieróglifo não foi a forma de representação gráfica mais utilizada nos papiros, e sim o hierático uma escrita mais simplificada.

**Papiro de Ebers:** O papiro de Ebers é datado aproximadamente entre 1536-1534 a.C., nono ano do reinado de Amenophis I na XVIII Dinastia. Publicado em 1875 em Leipzig pelo egiptólogo George Ebers, possui 110 páginas, 30 cm de largura e 20,3 m de comprimento.<sup>7</sup> Seu conteúdo é clínico, descreve prescrições de formas sistematizadas: cabeça, olhos, sistema circulatório, estômago e outros; além de detalhar a prática da avaliação clínica e caracterização das doenças.

Estão registrados aspectos farmacológicos como a realização de remédios e formas de emprego das substâncias através de supositórios, absorção oral ao mascar. Sua importância consiste em destacar o interesse científico sistemático dos physicians no antigo Egito.<sup>2,3</sup>

**Papiro de Chester Beatty V:** Foi escrito por um escriba 1300 a.C., Quen-her-Khepeshef na XIX dinastia, depositado em um santuário e descoberto em 1928.

O multimilionário Chester Beatty, através de doação ao Museu Britânico de História, cedeu 19 papiros, entre eles um especial que descrevia encantamentos e textos médicos, o qual foi denominado de papiro de Chester Beatty.

sião. Nos parágrafos abaixo, encontram-se relatos referentes à cefaléia:

- 242-247: Contém relatos de remédios e encantamentos realizados pelos deuses para serem usados apenas entre as divindades.<sup>2</sup>

“... O sexto remédio foi feito por Ísis para curar a cabeça de Ra...”.

- 250: Neste parágrafo deve-se atentar para o termo *ges-tep* (dor em uma metade da cabeça), como sinônimo de “hemicrania”.

“... outro remédio para o sofrimento na metade da cabeça (*ges-tep*), ungi a cabeça com óleo no qual o peixe-gato foi frito (preparado de nar)...”.

- 259: A frase a seguir representa dor de cabeça e fenômeno associado (queimação) encontrados na prática clínica.

“... Outro remédio para refrescar a cabeça quando dói...”.

No papiro ainda há citações para dores de cabeça, como envolver a cabeça com uma tira de tecido, apoiando um filhote de crocodilo ao crânio<sup>5</sup> (Figura 3).

### II. Papiro de Chester Beatty V

O papiro de Chester Beatty V está relacionado mais com prescrições em forma de magia natural para a dor de cabeça, além de fazer relato do termo (*ges-tep*).

- 4,1-9: “...repetir sete vezes. Escapate, feche a tẽmpora esquerda. Após prepararás a oferenda para os deuses e prepararás o remédio para conseguir arrancar a semente dos deuses que se encontra no interior do corpo...”.

### RELATO MITOLÓGICO

Os mitos relacionados à cefaléia eram presentes na época.

A figura mitológica de Hórus aparece freqüentemente associada à cefaléia. Hórus, freqüentemente, sofria com as dores de cabeça, chegando a repousar em almofadas dias inteiros.

Conta uma passagem, que ao escalar uma montanha, em pleno verão, ao meio-dia, Hórus foi surpreendido por uma severa dor de cabeça e ao encontrar deuses que celebravam um banquete recusou o convite, porque a dor tirou seu apetite.<sup>4</sup>

Deve-se atentar para algumas características da cefaléia descritas nesta passagem:

1. Caráter incapacitante, necessidade de repouso;
2. Forte intensidade;

Fig. 2 – Os papiros



Fig. 3 – Tratamento da cefaléia

3. Desencadeada pelo esforço físico, calor, exposição solar;

4. Fenômeno associado: inapetência.

Seria Hórus um deus pantêico e responsável pela cura da realza, um símbolo mítico da cefaléia no Antigo Egito?

---

## CONCLUSÃO

O conhecimento da história, seja esta a mais remota, nos traz o significado das doenças, que surpreendentemente pode perdurar até os dias atuais.

Um exemplo é a cefaléia, que, como no antigo Egito, é um sintoma universal, com o qual a classe “médica” se defronta habitualmente. Nos dias atuais, mesmo com a evolução da cefaliatria, existem grandes perdas nas vidas profissional, familiar e social dos pacientes acometidos, e gastos exorbitantes na rede pública para a remedição deste sintoma.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. García-Albea E. La neurología em los papiros médicos faraónicos. *Rev Neuro* 1999;28(4):430-433.
2. Nunn JF. *Ancient egyptian medicine*. University of Oklahoma Press 1996, p.33, 36, 37, 93.
3. Stetter C. *The secret medicine of the pharaos*. Edition q 1993, p.28, 32.
4. Lexa F., *La magie dans l'Égypte antique, de l'ancien Empire jusqu'à l'époque copte*, 3 vol., Paris 1925.
5. Silberstein SD, Lipton RB, Goadsby PJ. *Headache in clinical practice*. Oxford University Press 1998, p.1-2.
6. Oliveira B. *A evolução da medicina até o início do século XX*. Secretaria de Estado da Cultura 1981, p.23.
7. Speciali JG, Silva WF. *Cefaléias*. Brazilian Headache Society. Lemos Editorial 2002, p.1.

---

*Endereço para correspondência*  
 Dra. Carolina Mazzo Martinez Baptista  
 Rua Prudente de Moraes, 1115  
 14015-100 – Ribeirão Preto-SP  
 e-mail: carolbap@terra.com.br